

O TEMPO DA INFÂNCIA, O TEMPO DA MEMÓRIA EM CORAÇÃO ANDARILHO, DE NÉLIDA PIÑON

Suely da Fonseca QUINTANA

Universidade Federal de São João del-Rei – MG

squintana@ufsj.edu.br

Resumo: O objetivo desse trabalho é apresentar os resultados parciais da pesquisa desenvolvida junto ao Grupo de Estudos em Escritas (Auto) biográficas, formado pelos professores Alberto Ferreira da Rocha Júnior e Dylia Lysardo-Dias. Apresento um recorte, dentro de um projeto maior, que é o estudo dos procedimentos narrativos nos textos memorialísticos. As várias etapas da vida de Nélide Piñon são meticulosamente reescritas em função do desejo do sujeito/autor/personagem que escolhe ou constrói o ângulo pelo qual dará a conhecer sua interioridade. Em *Coração andarilho*, ela constrói toda uma teoria sobre a escrita do texto memorialístico. O que será explorado, porém, é a utilização do tempo da infância, como tempo organizador do passado e do futuro. O suporte teórico dessa análise conta com os conceitos de autoficção, no sentido usado por Diane Klinger, e as análises de Sylvia Molloy sobre a escrita autobiográfica na América de língua espanhola, tudo isso articulando o papel da formação do escritor e seu posicionamento diante da infância e da família como justificativa da vida futura.

Palavras-chave: Memórias; Autobiografia; Nélide Piñon

No momento, desenvolvo uma parte da pesquisa relacionada à escrita das memórias de escritores brasileiros. Esse escritor interage no espaço entre a “mentira” e a “confissão”, ou no caso a “ficção” e a “verdade”. Essa participação do autor/escritor faz da obra autoficcional um espaço performático, um palco para a apresentação do processo de escrita. Essa ideia da encenação traz para o leitor o tempo passado como vivenciado no presente, colocando em xeque a noção linear do tempo, uma vez que o tempo da memória é intermitente e seletivo.

O escritor contemporâneo luta com os conflitos da subjetividade exposta nos escritos de si. *Coração andarilho*, de Nélide Piñon, é um livro que nos transporta ao mundo de

vivências da autora. Mais que um texto memorialístico, os registros tratam da construção de um eu como narrador e personagem de si. O coração e suas vivências são representados nas metáforas, nas escolhas literárias, não tratando da vida de “verdade”, mas da vida imaginada, criada, ficcionalizada.

A construção narrativa se faz na perspectiva da escritora de textos literários. Suas escolhas recaem no hábito de seu ofício: “Confrontada com estes casos, decido eu mesma engendrar lendas e episódios que me são atribuídos. Sempre tendo como desculpa a condição de escritora, a quem é dado o privilégio e inventar sem sofrer sanções morais.” (PIÑON, 2009, p.8). Entre a memória coletiva familiar e a sua própria invenção, a narradora prefere o direito de narrar e criar que lhe é concedido pelo trabalho e pelo domínio do texto, fatores que a liberam da fidelidade ao “real”, ao verificável, ao conhecido. O projeto memorialístico ganha verossimilhança como qualquer texto de ficção, rompendo com o pacto autobiográfico a que se refere Leujeunne. A coincidência entre o nome da capa, o nome da narradora e da personagem se revela uma falsa premissa, uma vez que a escritora Nélida impõe seu estilo e ritmo criativos na composição de si mesma.

Na perspectiva de Molloy (2003), a autobiografia depende mais da forma como os fatos são articulados que propriamente dos acontecimentos guardados na memória. Citando a autora: “A linguagem é a única maneira de que disponho para ‘ver’ minha existência. Em certo sentido já fui ‘contado’ – contado pela mesma história que estou narrando”. (MOLLOY, 2003, p.19). A escritora Nélida usa a linguagem, instrumento que sabe manejar para ‘contar’ a história de Nélida narradora e personagem, mediando as histórias de sua vida. A escrita assume o papel de representar, metaforizar, escrita morta de um sujeito que já viveu os acontecimentos, escrita viva que se expõe ao leitor. A citação que se segue é longa, mas necessária para dar voz à narradora que bem resume esse ponto:

Admito ser exuberante no verbo. Vivo enamorada das palavras. Mas, como controlar-me, se a literatura é a minha carne exposta às vicissitudes? É o que sei e o que não sei. Diz o que eu não ousa, revela minhas entranhas. E não me trai e nem eu a ela. Aliás, como ludibriar a irmã da sílaba e da lágrima? [...] A literatura atraca-se ao ser e salva-o. (PIÑON, 2009, p. 215)

A escrita como salvação figura ao lado da escrita como criação, melhoramento do ser. Reinventar-se possibilita a salvação de um passado que organiza e dá sentido ao presente. Para tanto é preciso começar do nascimento, da nomeação, criar-se desde o começo, para ter

possibilidades variadas de viver. Principalmente, quando no futuro, a solidão da vida adulta traz a nostalgia do passado, no qual o ser estava rodeado de afeto, de pessoas que significavam o sentido da vida. Solidão que se acentua após a perda da mãe. Durante a narrativa a figura materna é lembrada sempre. A filha assume metaforicamente o papel da mãe, quando ela se encontra na velhice:

Sou, portanto, filha de uma mãe, e a mãe é e será a filha do meu amor. Tal sucessão, que é a prisão de qualquer raça, se dá em mim sem trégua, remorsos e apelação. Daí cada criança obedecer ao ritual da herança, que é ser parida como fui. Sua originalidade obscurece a minha, cerca-me de sombra e luz, mas é a melhor razão para eu morrer por sua vida, por suas pegadas na terra. (PIÑON, 2009, p. 184)

A ligação paradoxal, das duas figuras femininas que se suplementam, permanece sem um lance de rebeldia da Nélide menina, jovem ou mulher. Na adolescência, decide não romper com a vigilância da mãe de do pai, afirmando que há várias formas de se desenvolver, sem romper bruscamente com a vontade de proteção dos pais. Na maturidade a mulher se espelha naquela que a criou, mantendo viva a memória e a imagem da mãe-filha-mulher.

Começar a escrever as memórias pelo próprio nascimento é uma prática comum nesse tipo de texto, mas no caso de *Coração andarilho*, começar pelo tempo da infância é uma maneira de unir as duas pontas do tempo, passado e presente, no mesmo espaço e tempo da enunciação. O nascimento, reconstruído, é marcado pelo humor familiar. A mãe preferiu fazer o parto em casa, com medo que trocassem a filha no hospital. Sobre isso, Nélide reproduz o pensamento materno, mas também insere a marca da diferença entre as duas: “Não tivesse sido assim, ela teria sérias dúvidas daquela filiação. Se seria eu, de fato, a sua filha, herdeira da sua carne. E, embora eu risse de seus temores, como duvidar que não fosse filha de Carmem e Lino, ela não levava a sério a minha obstinada certeza”. (2009, p. 9)

A narrativa se apresenta em 1ª pessoa, alternado com a 3ª. A variação aproxima e afasta o leitor do foco que está em destaque. Quando usa primeira pessoa, a narradora apresenta os elementos que servirão para compor o modo de ser da mulher adulta. O uso da terceira pessoa serve para narrar acontecimentos da memória partilhada. Aquilo que ouviu e toma como seu passado, princípios da polifonia que perpassa as memórias:

A felicidade dissolve-se nas lembranças e é forçoso inventá-la. Pergunto-me que pedaço de vida, sorvido no colo familiar merece hoje reconstrução verbal? Acaso as narrativas da mãe, à hora do almoço, fazendo-me crer que eram minhas e que, ao ouvi-las, elas podiam me salvar?(PIÑON, 2009, p.18)

Ler as memórias de Nélide é penetrar na construção literária de suas lembranças, que servem de oportunidade para a realização do sujeito escritor pela linguagem e somente através da proteção dela se dá a conhecer. As várias etapas da vida são meticulosamente reescritas em função do desejo do sujeito/autor/personagem que escolhe ou constrói o ângulo pelo qual dará a conhecer sua interioridade. Citando Foucault (1992) a respeito desse ponto, temos que: “Na escrita, não se trata da manifestação ou da exaltação do gesto de escrever, mas da fixação de um sujeito numa linguagem: é uma questão de abertura de um espaço onde o sujeito da escrita está a desaparecer (p.35).” Ao explicitar seu procedimento de construção da narrativa, Nélide Piñon revela os bastidores de seu ofício:

A seleção que faço da família, dos amigos, dos pensamentos vagos, compõe o meu horizonte pessoal. Sem dúvida, é arbitrária, apresenta alto grau de subjetividade. Evito ser minuciosa para reduzir a margem dos erros e porque também as versões que guardo dos fatos são em si contraditórias. (2009, p.70)

Foucault também discute que a escrita busca extravasar seus próprios limites, como um jogo de linguagem que é. Na escrita de Nélide, o jogo narrativo ultrapassa ou entrecruza os limites da realidade e da ficção. Realidade da vida impossível de ser transposta tal e qual para a escrita e ficção que se apresenta pelo jogo da linguagem narrativa, transformadora da realidade. O “apagamento dos caracteres individuais do sujeito que escreve” possibilita conferir mais veracidade ao narrado pelo efeito de sentido da criação ficcional: domínio da escritora/domínio das palavras. No jogo da escrita, o falso desaparecimento da autoria dá força ao texto, à palavra que se quer verdadeira em si mesma. Nélide Piñon começa sua narrativa pelo próprio nascimento, fato que, por si só, é uma referência direta à memória compartilhada, que não pertence somente ao autor. Narrar a própria origem é uma forma de ampliar o alcance das próprias memórias, na medida em que se apropria também da memória coletiva familiar.

De acordo com Sylvia Molloy (2003), “A abertura da memória individual à memória dos outros sem dúvida contribui ao tom nostálgico de muitas autobiografias hispano-

americanas, mesmo não sendo a nostalgia a meta principal destes textos (p.257).” Essa forma de construção narrativa compartilhada, nas memórias de Nélida, consegue um efeito de sentido nostálgico e filosófico para o desvelar das vivências da narradora/personagem diante do nascimento, da morte, das viagens e do amor.

O processo de formação de Nélida passa por dois eixos importantes: a origem galega da família e o bom gosto e pendão para as artes, presentes desde a mais tenra idade. Relata suas lembranças do carnaval atentando para o fato de que “Lembro-me de que nos anos subsequentes me deslumbraram os trajes de arlequins e colombinas, cujas cores, em contraste com os muros caiados de branco, predominantes na nossa rua, traziam noções policrômicas que me iam apurando o gosto.” (2009, p. 11) Essas lembranças são bem construídas pelo adulto, pois a família se muda dessa rua, quando a menina tem em torno de 4 anos de idade. Ela relata mais o efeito da beleza sobre seu espírito que as diversões comuns à qualquer criança de sua idade. Recuperar as impressões do belo, reafirma a importância do bom gosto para sua vida adulta. Afinal, apreciar a beleza dos detalhes torna-se matéria prima da escritora.

Buscar os laços de sangue e traçar a linhagem familiar de forma precisa é ao mesmo tempo reverenciar os antepassados e criar um nicho de orgulhoso pertencimento: “Falo demais da família. Excedo-me em seus méritos. Talvez exagere para me convencer de que eram como eu os desenho. Mas não importa. Aceito seus eventuais defeitos, fragilidades, a substância que confirma através deles quem sou.” (2009, p. 164) As fragilidades porém não aparecem, pois significaria o aparecimento da própria fragilidade da narradora. Seu passado precisa ser reconstruído de forma a confirmar a imagem que constrói de si, pela escritura. O próprio traço de humanidade se fará presente pelos laços de família e não pela herança humana comum a todos da espécie. Assegura-se assim de que o texto lhe pertence e ela o molda, conferindo a verossimilhança literária, indispensável para a criação a que se propõe, como revela no seguinte exemplo:

Estes familiares refletem a minha história. [...] O sangue é um fardo e rivaliza-se com a memória, também narra. E, conquanto quase todos os parentes estejam mortos, cada qual me transferiu, ao longo da minha evolução, pedaços significativos de seus enredos. Estou certa de que só mediante seus testemunhos relaciono-me com a família humana. (PIÑON, 2009, p. 164)

A narradora se apresenta sempre no texto, pontuando os aspectos ficcionalizados da narrativa: “Talvez a criança Nélida, que fui, seja uma mera invenção, uma fábula imprecisa. Como alcançar o passado e atualizá-lo no empenho de trazê-lo à tona?” (2009, p.23) Dessa

forma a narradora das memórias não é confiável, pois cria em cima do vivido e do apreendido, rompendo com qualquer forma de verificação dos fatos, confiabilidade em datas, sentimentos e seleção das lembranças. A performance permite mudar de foco narrativo, na tentativa de buscar o melhor ângulo da escritura:

E, enquanto cria, eis que a palavra é fugaz, voluntariosa, ganhando no jogo semântico mil acepções, significados que traem a minha intenção inicial e pouco me importa. E isto porque, ao situar-se no epicentro do meu ser, a palavra é também teológica, simula me amar, jura não me desertar jamais. Exige que eu lhe preste loas até o fim. Diz-me, na penumbra do ocaso, que este amor nosso é o golpe certo que a vida me reservou para me pôr à prova, testar minha resistência. (PIÑON, 2009, p.42)

A infância da personagem possibilita à narradora programar a formação literária que será confirmada no futuro: “Lia com igual paixão, a Bíblia, Zevaco, Karl May, Dumas, Lobato, e *Romeu e Julieta*, de Shakespeare, deslumbrantes mentirosos. Nivelava-os como se constituíssem um único narrador com diversas vozes altissonantes”. (2009, p.136) Sem marcação temporal identificável, a impressão que fica é sempre da precocidade da leitora Nélida. Quase não menciona a palavra namorados, não relata vivências amorosas, nem mesmo os namoricos da adolescência. Entretanto, o “amor literário” faz parte de sua formação. Assim, a mistura de fantasia e realidade a libertam da censura de sua época de juventude:

Desde cedo, a revelação do meu mundo passava pelo filtro dos heróis, como Nyota que, sendo mulher, chamava-me a atenção. Como pudera surgir, em termos lendários, e sob o peso de tantos preconceitos, uma jovem tão libertária e destemida quanto ela na tela do cinema Ipanema, que eu freqüentava? Sem a mãe estranhar que Nyota, cujo padrão de conduta opunha-se às regaras então vigentes para as mulheres, pudesse dar solução a problemas de vida e morte. (PIÑON, 2009, p.137)

O mundo mágico continuará influenciando a formação de Nélida, mesmo quando já mais velha, procura o sentido do que move a escrita e a leitura, associando os fatos e impressões do passado para justificar o presente:

Chamada para o almoço. Sofria em desprender-me das fantasias ficcionais. O retorno à periferia do cotidiano, representada pela casa, significava prescindir das peripécias que me tornavam uma menina incomum. Mas, logo que a mãe me liberava, voltava às pressas para as páginas delirantes dos livros. Eram eles que me permitiam dispor de vidas adicionais. Porque meu lugar fora sempre

ao lado dos personagens que os autores criaram e eu endosseï. (PIÑON, 2009, p.138)

As dificuldades são disfarçadas em meio às leituras. Em lugar de brincadeiras e travessuras, apenas mencionadas de forma sutil, as leituras formadoras do espírito culto, a base do futuro tempo da escrita autobiográfica. De acordo com Sylvia Molloy (2003),

O recurso à literatura, neste resgate do passado, permite algo mais: a interpretação à distância, em que a literatura é utilizada astutamente para destinar ao eu a melhor parte, dissimulando acontecimentos que poderiam lhe dar uma imagem adversa e desviando a leitura da autobiografia de temas potencialmente espinhosos. (p.116)

As leituras, ainda de acordo com Molloy, seriam uma maneira diferente de o eu ler a si mesmo. Ou seja, as leituras demonstram aquilo que preocupa o íntimo da narradora, o desejo de conhecimento libertador. Será por meio do trabalho intelectual que Nélida logrou destaque pessoal e social. A carreira propiciou a independência da menina filha única, cercada de cuidados pela família. Ao ser eleita a primeira mulher presidente da Academia Brasileira de Letras é como se as previsões passadas de revelassem, abrindo as portas de um universo, durante muito tempo apenas masculino, para o saber conquistado por essa mulher.

Embora reverencie os representantes do patriarcado na família, avô, pai e tios, também resgata a sabedoria, ponderação e afeto das mulheres, sua avó sua mãe e suas tias. Se o avô Daniel concordou com o nome da neta, isso se deveu aos argumentos de Tia Amada, apelido Maíta. As mulheres da família são adjetivadas como mulheres belas, defensoras dos valores familiares, persistentes, quando necessário, encantadoras e assim, marcam profundamente o imaginário da menina e da mulher. As vozes femininas da família se perpetuam no imaginário da escrita de Nélida. Ao utilizar essas vozes, a mulher se exime de culpa, tudo é uma grande corrente de mulheres, que herdam e trocam as nuances de caráter entre si. Nélida não assume sozinha o resultado final de sua vida. O que a consola no ato de escrever é saber que a reconstrução é possível: “E alivia-me saber que a memória está no papel e não em nós. É o texto que guarda o precioso silo que nos coabita”. (PIÑON, 2009, p. 115)

Ainda sobre o tempo da infância ele se inscreve na própria capa e contracapa do livro: a foto da menina e a joaninha, inseto que metaforiza a cor e a alegria presentes nos bordados dos vestidos. A mãe escolhia as roupas de Nélida com esmero, a roupa falava de capricho, cuidado, amor, daí o apreço em preservar as imagens que povoaram os espaços de carinho e que

se fazem presentes na apresentação e no encerramento das evocações do passado. Presentificar pela imagem e pela cor é mostrar que o passado está vivo na memória da Nélida que hoje escreve.

A passagem pela adolescência traz maturidade e desconfiança do mundo. Por meio da leitura descobre que se identifica com o rei Davi mais por suas contradições que propriamente pelo lado exemplar. Também percebe que o sofrimento humano não cabe inteiro nas páginas dos livros, embora o sofrimento descrito por Dostoievski a faça sofrer também. Mais uma vez o lido é convocado como autoridade que referenda o vivido:

A vida, amontoado de enigmas, encarregara-me de concretizar, simbolicamente, sob as bênçãos de Júlio Verne, a viagem ao centro da Terra e ali encontrar refrigério. E caso me enganasse com miríades de ilusões, tinha a vida inteira para corrigir. Afinal, ambicionava recolher frases, lendas, soçobrar em meio aos sargaços do coração. O resto era desvendar os segredos da existência.(PIÑON, 2009, p.159)

A estadia na Espanha, dos 10 aos 12 anos, terá um alongamento de tempo, de acordo com os significados que Nélida pretende dar a esse momento. O que a princípio significou uma ida ao passado familiar e lá descobrir seus laços de pertencimento, aos poucos se transforma no próprio e único tempo de formação principal da menina. A narradora sempre compara Cotobade com o Brasil. A terra espanhola sempre ganha em beleza em valores aprendidos e que para ela são importantes por estarem ancorados na genealogia familiar. Cada canto daquela aldeia faz com que a menina reconheça seus traços ancestrais:

Naquela aldeia, não havia entraves para mim. Enlaçava os rastros brasileiros e as pegadas galegas sem sofrer. E ainda que no início encontrasse dificuldade de repetir os nomes das aldeias de Cotobade, que eram treze, intuía que de cada localidade gotejava um sangue também meu.(PIÑON, 2009, p. 104)

Entretanto no Brasil, terra vista pelo lado exótico que lhe confere um estrangeiro, ela sempre reivindica sua descendência espanhola, filha e neta de migrantes:

Sou brasileira recente, declarei no início do discurso de posse na Academia Brasileira de Letras em 1990. Uma frase que esclareceu meu sentimento diante do país e da instituição que me acolhia. Mas a despeito de insinuar ser alguém recém-chegada ao território brasileiro, afirmava também não haver outro lugar

para nascer senão em meio à Floresta Amazônica e os trópicos desabridos. (PIÑON, 2009, p. 206)

Quando criança, os relatos mais aventureiros que fazia tinham como referência Cotobade. Lá podia caminhar sozinha pelo campo, sentia-se livre. Entretanto, não faz referência ao fato de que no Brasil isso não era possível, porque vivia em uma cidade grande. O tempo da memória escolhe esse ponto para se lembrar e para fazer os laços duradouros da narradora/personagem com o seu passado. O espaço da realização era o das páginas dos livros ou o da Espanha.

Ainda sobre a ligação com o Brasil, afirma, como se estrangeira fosse:

Não me esqueço de que, graças à decisão da família de instalar-se no Rio de Janeiro, sou cristã-nova. Inaugural no Brasil, em um mundo ao qual me habituo a estar. Ao buscar razões, no entanto, para uma espécie de alheamento, uma não-pertinência, sinto a alma antiga, ajudei a procurar o velocino de ouro. Em mim reverberam, portanto, memórias superiores a cinco mil anos. (PIÑON, 2009, p.207)

Novamente temos a junção entre o tempo mítico d infância da humanidade e o tempo da infância da narradora, na Espanha, nos quais se reflete o sentimento de pertencer a uma tradição familiar migrante – coração andarilho. Escrita marcada por uma formação de leituras que foram de vida e de sentimento. Uma leitora voraz, que busca no passado europeus textos e escritores ao qual se filia, constituído uma família literária com mais “sangue” europeu que brasileiro. Uma pergunta retórica intrigante é feita pela narradora: “Apesar do Brasil, indago por que escolhi a literatura. Acaso tento, por meio dela, romper o casulo do mistério?” (PIÑON, 2009, p.207) Qual mistério? Qual casulo? Seria o da vida reclusa, em que nem o espaço biográfico revela os traços mais íntimos. Poderia também ser a impossibilidade de unir pelo literário o que não pode se recuperado na vida: atar as duas pontas do tempo em um mesmo espaço, como diria Bentinho/Dom Casmurro: o menino e o adulto. Como Nélida?

Referências Bibliográficas

KLINGER, Diana Irene. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Trad. Jovita M. G. Noronha. Maria Inês C. Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

MOLLOY, Sylvia. *Vale o escrito: a escrita autobiográfica na América hispânica*. Trad. Antônio Carlos Santos. Chapecó: Argos, 2003.

PIÑON, Néida. *Coração andarilho*. Rio de Janeiro; Record, 2009.